

Introdução

Friedrich Nietzsche é conhecido como um filósofo que teve na questão da moral seu principal tema, abordando os valores morais e sua influência na vida humana. Contudo, Nietzsche não é mais um a buscar estabelecer as atitudes a serem consideradas boas e corretas que propiciem o bem viver a todos. Sua filosofia tampouco tem por finalidade conduzir o homem à virtude e ao bem comum. O rigor de seu pensamento filosófico o levou a um caminho praticamente oposto ao dos tradicionais filósofos moralistas que já existiram.

Nietzsche percebeu logo cedo, em seus pensamentos sobre religião e filosofia – era filho e neto de pastores protestantes e pretendia seguir também o seminário – que, caso quisesse paz de espírito deveria ter fé, mas caso quisesse a verdade, deveria inquirir, perguntar.¹ A pergunta sobre a origem de nosso bem e nosso mal, pergunta chave de sua filosofia, já o acompanhava desde que era um garoto de treze anos.² As respostas até então apresentadas pelos filósofos e teólogos de toda história sempre possuíram um caráter moral que desagradava a este jovem que viria a chamar a si mesmo de imoralista.

Ao invés de fundar valores específicos em patamares metafísicos, sejam estes filosóficos ou teológicos, Nietzsche buscou a psicologia dos sentimentos daqueles que postulavam tais valores. O quê quer a Igreja que diz que o bem, revelado por Deus, é isto e aquilo? Ou, o quê quer Platão (ou Sócrates) quando diz que o filósofo deve comandar a república, ou aonde quer chegar Kant com seu imperativo categórico?

A pergunta pela moral logo o fez se deparar com a questão sobre a legitimação dos valores morais. O quê faz com que um determinado valor seja entendido como mais importante do que outro? Como um determinado valor moral pode ser mais verdadeiro do que outro?

Mais do que pensar os valores, Nietzsche fez um novo questionamento: buscou o valor dos valores. Buscou saber por que um valor moral é tido como verdade, por que precisa ser tido como verdade, valer como verdade. Perguntou ainda por que a verdade vale mais do que o falso, uma vez que um não pode existir sem o outro e, talvez, a própria

¹ Tal afirmação é feita por Nietzsche em carta enviada à irmã, 11 de junho de 1865 quando estudava em Pforta.

² Nietzsche, “Genealogia da moral”, Prólogo, 3.

verdade fosse, por que não, uma ilusão. Suas respostas vêm confirmar as suspeitas da adolescência: a verdade e o bem não possuem uma ligação que os legitime de forma absoluta.

Nietzsche, ao contrário do que se poderia esperar, não criou um sistema filosófico para proteger suas idéias com este pomposo e poderoso nome: verdade. Ao invés disto, dobrou a verdade à perspectiva pessoal e histórica de cada filósofo, mostrando que estes apresentavam sua própria filosofia moral como se fossem verdades. Estaria aí a origem da filosofia: a construção de edifícios teóricos do conhecimento tinha como objetivo último a legitimação de determinados valores morais como verdade, tornando-os quase que inquestionáveis. Seria preciso obedecê-los, sendo os filósofos ou os sacerdotes os únicos advogados da verdade ou de Deus. É este jogo de poder que se esconde na luta pela verdade. Contudo, para Nietzsche, tanto os valores como o suposto conhecimento são criações, não podendo alcançar um estatuto universal. Nietzsche, identificando o filósofo a um espírito livre, jamais aceitaria tais prisões.

Por sua vez, Nietzsche, com sua psicologia, entende ter desmascarado as intenções que fazem com que filósofos e teólogos escondam suas argumentações em sistemas metafísicos da verdade ou em mistérios inescrutáveis de Deus. Ao estabelecer o ponto criador dos valores como sendo de ordem metafísica, tem-se a depreciação do mundo em que se vive e do homem que nele vive. Se o valor dos valores morais é dado de antemão por instâncias independentes do homem, instâncias às quais apenas uns poucos sábios ou sacerdotes de uma religião específica teriam acesso, então se conclui que este mundo não possui um valor de fato, uma vez que a verdade é revelada ou descoberta, mas pertence já a outro plano. Este mundo torna-se uma ilusão quando comparado a um outro mundo onde residiria a verdade do conhecimento moral e divino.

Por trás desta estrutura de pensamento que tem como finalidade a legitimação da moral em um patamar supra-terreno, Nietzsche desvenda uma insatisfação com a vida por parte desses moralistas de até então. Os valores pregados por estas filosofias e religiões metafísicas sempre tiveram por princípio barrar e diminuir a força do homem. Por trás do argumento da verdade ou de Deus sempre se escondeu uma filosofia moral que apresentava valores que negavam a força e o esplendor do animal homem.

A genealogia da moral será exatamente esta pesquisa que realiza Nietzsche para desvendar, a partir da própria história da moral, quais sentimentos moveram aqueles que criaram morais absolutas. A moral possui uma história, isto quer dizer que os valores morais vieram a ser, não existiram desde sempre e não são eternos ou absolutos. Dizer que a moral possui uma história significa dizer que os valores foram criados pelos próprios homens, isto é, em última instância, foram inventados. A idéia de que os valores morais são criados traz consigo o fato de que as demais construções intelectuais do homem também são criações, tornando difícil que sejam aceitas como verdades no mesmo sentido em que eram anteriormente. A própria idéia de verdade terá que ser repensada, pois agora, temos a idéia de que o homem é quem cria o conhecimento e este conhecimento, por ser criado, não pode ser uma verdade. A não ser que se entenda a verdade como criação. Mas, neste caso, seria ainda verdade?

Neste ponto entra também a questão da linguagem, pois seria a linguagem humana capaz de apresentar algo que pudesse ser chamado de verdadeiro? Ou esta linguagem seria apenas uma forma de mediação entre o homem e o mundo? Neste segundo caso, como ainda falar de conhecimento e verdade se tudo o que se falar a este respeito, pelo simples fato de já ser fala e de necessitar da linguagem, já seria uma relação antropomórfica? Seria a verdade uma forma de relação criada pelo homem para tornar sua vida no mundo possível? Relação esta, necessariamente mediada pela linguagem que, por sua vez, também é uma criação? Estaria nossa crença na verdade calcada em uma crença na linguagem? E, em ambos os casos, seria a verdade uma questão de crença? Como querer então que a moral se apresente como verdade se, além de uma origem e uma história humanas, ela nem mais possui a verdade e o conhecimento como aliados?

Sendo que o tema da moral é indissociável do tema da verdade, a primeira parte do primeiro capítulo buscará apresentar a abordagem que Nietzsche faz desta relação. A segunda metade do primeiro capítulo apresentará a hipótese propositiva de Nietzsche para a questão do conhecimento a partir destas questões anteriores. Diante da dificuldade de se estabelecer com clareza a verdade e o conhecimento, mas também diante da necessidade de que algo possa ser chamado de verdade e conhecimento, Nietzsche apresenta sua hipótese da vontade de potência.

Primeiramente, entendemos a teoria da vontade de potência como uma hipótese, uma vez que o conhecimento parte sempre de uma perspectiva humana e é uma relação do homem mediada pela linguagem, a teoria da vontade de potência não poderia se apresentar de outra forma a não ser também como criação. Nietzsche não pretende que sua criação ou hipótese seja tida como verdade por todos, ao contrário, vê um sinal de fraqueza neste desejo. Nietzsche guardará para si o phatos da distância em relação a outras interpretações sobre estes temas, mas não deixará de apresentar sua visão.

A vontade de potência aparece como interpretação para toda a realidade e também para os impulsos volitivos. Para Nietzsche, tudo o que existe decorre de uma relação de forças que expressam sua potência e resultam em tudo aquilo que há. A potência é algo que se expressa a cada instante, não podendo não se expressar. A falta de expressão é impotência, no sentido de que não há potencia para ser expressa. Neste sentido, tudo o que existe é, de alguma forma, expressão de potência das forças em relação. Nietzsche vê um caráter de crescimento em toda potência. Um caráter de querer tornar-se mais forte. Desta forma, a vontade de potência é uma espécie de caráter intrínseco da força que consiste em expressar toda sua potência a cada instante e de buscar sempre um aumento de potência.

Esta interpretação possui a vantagem de apresentar tanto as coisas quanto o homem como sendo da mesma natureza, possuindo entre si apenas diferenças quanto à organização. Esta interpretação traz consigo um caráter absolutamente amoral, pois não há um valor que decorra necessariamente desta teoria. Assim, a determinação dos valores morais se torna uma questão humana e será preciso levar em conta os desejos e os afetos do homem ao se pensar a moral, uma vez que são esses desejos e afetos a grande forma de manifestação da vontade de potência no homem.

Nietzsche parte do corpo humano, de seus impulsos e instintos, para formar sua teoria da vontade de potência, onde tanto no homem quanto nas demais coisas da natureza esta força se expressaria em todo seu caráter. A expressão da potência por si mesma é algo absolutamente amoral, é uma característica inextirpável de tudo aquilo que é. O que a moral sempre tentou fazer foi apresentar essa expressão como sendo algo moralmente ruim e, desta forma, tentou sempre limitar o alcance das forças do homem. Mais uma vez Nietzsche escancara o caráter depreciador que toda moral traz consigo; qualquer valor moral que se tenha por absoluto ou por melhor que outro visa, por trás desta máscara, fortalecer ou

enfraquecer um determinado tipo de vida. Para Nietzsche, a moral sempre buscou enaltecer valores que negavam a força instintiva do homem, fazendo com que este se sentisse culpado de seus próprios desejos e de sua própria força. Por isto a moral é entendida como algo que se dirige contra a vida. A vontade de potência, por sua vez, apresenta uma hipótese amoral de compreensão da realidade, onde esta não segue um caminho predeterminado em direção a algo como o bem. Desta forma, a realização da vontade é entendida como algo não somente natural como também desejável e não se desdobrará em uma moral.

Contudo, a liberação frente a moral e a abertura para a realização dos próprios desejos e impulsos não é um caminho simples. O homem está a mais de dois milênios enredado em uma trama moral e religiosa e há muito já desaprendeu a ouvir a si mesmo. Mais do que isto, o homem possui um passado animal selvagem e este bicho-homem ainda se encontra presente no interior de cada um. O homem é um animal extremamente interessante devido ao fato de que, por um lado se assemelha aos demais animais e possui instintos tão fortes quanto os destes, por outro, possui também consciência destes instintos e é capaz de fazer um juízo sobre eles. O fato de refletir sobre suas ações e sobre as conseqüências das mesmas faz com que o homem produza representações sobre aquilo que deseja e considera melhor para si. Mas, tais representações não impedem que uma vontade antagônica apareça em algum momento e ponha tudo a perder. Associado a isto está o fato de que é perfeitamente possível, ou melhor, é a regra, os instintos se contraporem uns aos outros. Em um momento um aparece mais forte, mas em outro momento pode ser seu antagônico. De maneira que, ora queremos uma coisa, ora queremos outra, e depois, tornamos a querer a primeira e nos arrependemos de ter feito a segunda. O homem é tomado, ao mesmo tempo ou em momentos diferentes, por instintos antagônicos que o levam, não raras vezes, ao desespero. O quê fazer? Qual vontade seguir? Para Nietzsche, esta decisão está longe de ser racional e o fato de se ter consciência, a posteriori, da ação tomada, não é motivo para torná-la racional. Quem decide é a potência. Qual o instinto mais forte? É este que manda, foi este quem dominou todos os outros e fez com que a suposta unidade homem agisse de tal ou qual modo. A vontade mais forte age “justamente como instinto *dominante*, que impôs suas exigências a todos os demais instintos – ela o faz

ainda; não o fizesse, não dominaria. Não há nenhuma ‘virtude’ nisso, portanto.”³ A questão aqui, assim como em todas as demais, é sempre: qual é a vontade mais potente. Neste ponto a teoria da vontade de potência desdobra-se em ética ao criar uma filosofia que fortaleça os instintos afirmativos até que eles vençam sempre todos os demais.

A liberação frente a moral não é algo simples e seguro, ao contrário, quando não mais se possui os tradicionais valores morais que são seguidos e respeitados pela grande maioria, o homem se encontra pela primeira vez diante de si mesmo. Terá que aprender a lidar com seus desejos e com toda sua força de uma maneira amoral, terá que ser capaz de criar seus próprios valores a partir de seu próprio íntimo e será o juiz de si mesmo. Este caminho é mais difícil, pois além de não se ter mais os parâmetros comportamentais anteriores, não se tem sequer a quem recorrer, uma vez que somente você pode tornar-se si mesmo. Esta opção não significa também a realização desenfreada de qualquer mínimo desejo, ao contrário, Nietzsche vê este entregar-se a qualquer impulso como sinal de incapacidade para o domínio de si.

A busca será então por fortalecer a si mesmo e aprender a criar os próprios valores. Esta criação dos próprios valores deverá levar em conta os impulsos mais íntimos sem que esta liberdade venha a se perder em descontrole. Será a este processo amoral de tornar-se si mesmo a partir dos próprios impulsos e desejos do corpo a que chamaremos de ética. O adjetivo trágica se deve à ausência de fundamento metafísico para esta proposta. A condição trágica que Nietzsche nos apresenta é a condição de uma cultura que vê desmoronar tudo aquilo em que acreditou durante milênios e vive esta ausência inicial de valor. A ética trágica é a proposta afirmadora da vida que Nietzsche opõe ao niilismo de uma ausência de valores.

O segundo capítulo apresenta em sua primeira parte a história da moral, feita de forma genealógica, método que será trabalhado logo no início. Nietzsche mostrará como a moral da negação de si mesmo foi sendo construída e com quais objetivos. Esta parte deste capítulo tem a importância de fortalecer as compreensões feitas no capítulo anterior sobre a moral, além de apresentar os desdobramentos modernos desta crítica.

³ Nietzsche, “Genealogia da moral”, III, 8

Diante de uma genealogia da moral, a metafísica não mais se sustenta, ocasionando o que Nietzsche chamou de morte de Deus e sua consequência, o niilismo. A crítica que Nietzsche faz à moral e à religião termina por se desdobrar na impossibilidade de se continuar acreditando nas antigas respostas para a questão dos valores e do sentido. Se não há sentido metafísico para a existência, isto é o mesmo que dizer que não há justificção possível que não tenha sido criada pelo próprio homem. Isto nos faz duvidar de qualquer sentido possível, pois se o sentido é criado, então qualquer um poderia criar um sentido. E isto seria verdade se não fosse o fato de que muitos são incapazes de conferir um sentido à própria existência. Se a existência tem o sentido que se lhe confere, então ela não possui sentido algum. Isto somente é certo caso se considere este último sentido enquanto um sentido metafísico. A crítica de Nietzsche aponta para esta ausência de sentido moral absoluto para a existência, situação esta que tende a causar um enorme sentimento de vazio, uma vez que o papel das filosofias e religiões sempre foi o de conferir esta espécie de solo seguro sobre o qual erguiam-se os fundamentos da existência. A partir do momento em que a vida não possui mais uma razão absoluta que justifique toda possível dor e dificuldade que apresente, o homem pode se sentir desamparado. Morte de Deus é o nome dado por Nietzsche a esta perda de credibilidade dos valores mais respeitados, que eram tidos por absolutos e que agora são tidos por criação. Nietzsche chamará de niilismo ao sentimento de vazio que pode nascer a partir da morte de Deus e da descrença em fundamentos absolutos para a moral e para o conhecimento.

Diante desta postura niilista face à morte de Deus, Nietzsche se vê forçado a criar seus próprios companheiros: são os espíritos livres. Para os espíritos livres, a morte de Deus está longe de ser um problema, ao contrário, eles encontram aí sua grande felicidade, encontram aí o seu grande direito à existência e a qualquer experiência. Todas as existências são permitidas e, portanto, possíveis quando não há mais um valor absoluto a ser obedecido. Neste sentido, o homem pode fazer o que quiser, basta que isto esteja ao alcance de sua potência. Com o fim da metafísica, o homem se tornou limitado apenas pela sua própria potência. Ética será o trabalho de transformação desta liberdade em algo realmente grandioso.

Contrário ao niilismo causado pela morte de Deus, Nietzsche vê que apenas agora se torna possível criar um sentido de grandeza para o homem, um sentido que leve em

conta as propensões naturais do mesmo e que somente assim poderá fortalecê-lo. Depois de dois milênios de moral contra a vida, Nietzsche descortina a possibilidade de se criar um sentido verdadeiramente afirmativo para a existência: o super-homem. O homem não mais se encontra limitado pela moral, sua limitação é apenas a de sua potência, aquilo que ele pode. Não sabemos ainda o que pode o homem. É neste sentido que Nietzsche lança a seta do super-homem para além do homem. O homem pode se desenvolver e crescer até pontos ainda não vislumbrados. Este crescimento pode ser tão grande que chegue ao ponto até mesmo de se falar em algo diferente do homem, algo maior, algo além do homem. O super-homem aparece então como ideal ético que visa a grandeza da vida do homem, grandeza esta apenas possível a partir da morte de Deus.

O livro “*Assim falou Zaratustra*” apresenta, em nossa interpretação, exatamente este ideal de grandeza para o homem através de seu personagem principal, um eremita, que vem aos homens para trazer-lhes este ensinamento. Todo este livro narra os caminhos deste andarilho por entre os homens com o único objetivo de desviá-los da moral e direcioná-los para a ética. Entendemos o livro “*Assim falou Zaratustra*” como um livro de ética, onde o protagonista apresenta os principais pontos de toda filosofia de Nietzsche. Quando Zaratustra se dirige à praça pública e é mal recebido, percebe que tem de se afastar. Zaratustra buscará companheiros a quem possa falar ao coração. Estes companheiros serão os primeiros aprendizes deste ensinamento que é o super-homem. Este ensinamento será o ensinamento da grandeza possível apenas a partir do cultivo de si e do tornar-se si mesmo. Ponto chave na ética de Nietzsche. Devido a este papel fundamental de “*Assim falou Zaratustra*” em nossa compreensão da filosofia de Nietzsche como ética, este trabalho traz, por fim, em apêndice, um ensaio interpretativo da *magnum opus* de Nietzsche. Apresentamos este texto em forma de ensaio, pois entendemos que qualquer tentativa de abordagem desta obra se mostrará superficial e excessivamente incompleta, dado sua enorme complexidade e a enorme erudição do autor. Pensamos ser este também um bom formato uma vez que o próprio texto de Nietzsche é bastante poético e livre. O ensaio aparece como apêndice uma vez que necessita de todo o trabalho anteriormente feito na tese como fundamentação e base teórica. Entendemos que este apêndice vem a confirmar a existência de uma ética como eixo central da filosofia de Nietzsche ao apresentar os ensinamentos de Zaratustra como ensinamentos éticos.